

Gros culpa Delfim Netto pela crise

5-9-91

'Crescimento a qualquer preço nunca mais'

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente



Gros: evitar os erros do passado

WASHINGTON — O presidente do Banco Central (BC), Francisco Gros, garantiu ontem à comunidade internacional que o Brasil não quer mais crescer a qualquer preço. Os erros do passado não serão repetidos, disse ele a economistas, empresários e funcionários do governo americano, em conferência na George Washington University.

Gros culpou o ex-ministro da Fazenda Delfim Netto, pelo fato de o Brasil ter tomado um desvio que, segundo disse, contribuiu muito para mergulhá-lo numa crise da qual ainda não conseguiu se livrar.

— Havia duas escolas no Brasil. De um lado, o ministro Mário Henrique Simonsen queria diminuir o ritmo do crescimento para arrumar a casa. De outro havia o ministro Delfim Netto, defendendo o contrário: não podíamos parar de crescer não importava o preço a pagar. Para Delfim nós éramos uma

ilha de tranquilidade, éramos diferentes do resto do mundo, não podíamos parar de crescer. E para isso, começamos a imprimir dinheiro. E o resultado todos sabemos: perdemos a credibilidade — disse ele.

Gros disse que o Governo está buscando capital para crescer. E para isso está fazendo de tudo para recuperar a credibilidade pública, tanto externa quanto internamente. Se as fontes externas continuarem secas, a saída será buscar recursos dentro de casa:

— Há um custo muito grande para isso. Levantar dinheiro

dentro do Brasil hoje nos custa 30%. Mas nós acreditamos que devemos pagar esse custo. Não há outra saída. Por isso, estamos promovendo um ajuste fiscal e procurando cortar despesas, o que não é fácil. Mas uma coisa é certa: nós não vamos nos tapear mais uma vez, não podemos pensar em crescer imprimindo dinheiro — disse Gros.

Ele lembrou que as fontes de financiamento externo minguaram nos últimos anos. Entre os anos setenta e 1988 elas forneceram uma média anual equivalente a 5% do Produto Interno Bruto (PIB), passaram a ter um índice negativo a partir de então. Os recursos do governo, por sua vez, também se esgotaram: “em 1989 o fluxo negativo chegou ao equivalente a 20% do PIB”, disse Gros.

A poupança que era igual a 30% do PIB nas últimas duas décadas, caiu para 21% no ano passado. Para voltar a crescer, o Brasil terá de enfrentar três desafios, segundo o presidente do BC: restaurar a credibilidade pública, cortar gastos e aumentar a arrecadação.

— E para conseguir isso, estamos trabalhando para convencer o público de que daqui por diante as regras do jogo serão estáveis — disse Gros.